

JORGE MARTINS RIBEIRO

O FAIAL NO RELACIONAMENTO ENTRE PORTUGAL,
OS ESTADOS UNIDOS E A FRANÇA
ENTRE FINAIS DO SÉCULO XVIII E INÍCIOS DO SÉCULO XIX

NÚCLEO CULTURAL DA HORTA
2007

O Faial no relacionamento entre Portugal, os Estados Unidos e a França entre finais do século XVIII e inícios do século XIX

por Jorge Martins Ribeiro

De acordo com o Prof. Vitorino Magalhães Godinho, a partir do século XVIII, os interesses portugueses centram-se no espaço Atlântico que este historiador classifica como sendo “numa outra escala, um Mediterrâneo às avessas”. Deste modo, “a Madeira e os Açores ocupavam um lugar significativo nas trocas entre o espaço português e a América do Norte.”¹

As ilhas açorianas tinham um papel importante no comércio entre a América do Norte Britânica, tanto antes como depois da independência, até porque constituíam pontos de apoio importantes à navegação. Aliás, a colonização destas regiões do continente americano aumentara o valor económico do arquipélago, onde se podiam obter alimentos, água potável, apetrechos navais e equipamento. Neste contexto, o porto da Horta vai ter uma particular importância, uma vez que aí se realizavam negócios vantajosos. Era um ponto de encontro para as embarcações que atravessavam o Atlântico carregadas com vários produtos, entre os quais se contavam bacalhau, madeira, cereais, aduelas e óleo de peixe da Nova Inglaterra, tornando-se um entreposto para trocas comerciais e baldeação. De facto, o volume do comércio com a América do Norte aumentou constantemente, a partir de meados do século XVII, chegando, segundo Bentley Duncan, a tornar-se um dos mais significativos dos Açores, pelo que veio a desempenhar um papel crucial nos séculos XVIII e XIX. Aliás, na opinião deste autor, a Horta era o porto mais cosmopolita e proeminente da esfera transatlântica. A geografia conferia-lhe uma posição excepcional, o Pico produzia o produto que

¹ DUNCAN, T. Bentley - *Atlantic islands. Madeira, the Azores and the Cape Verdes in Seventeenth-Century Commerce and Navigation*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1972. pp. 142; 154-157; RIBEIRO, Jorge Manuel Martins - *Comércio e Diplomacia nas relações luso-americanas (1776-1822)*. Dissertação de Doutoramento, policopiada, p. 47

animava o comércio, o vinho, conhecido, na América Britânica, tal como o de São Jorge, sob a designação de “Fyall” ou “Fial Wines”.

Por outro lado, o Pico e o Faial dependiam das aduelas da Nova Inglaterra para o fabrico de pipas, sendo os seus vinhos essencialmente exportados para esta região. Contudo, mais uma vez, de acordo com o já referido Bentley Duncan, a ligação entre estas duas ilhas e a região nordeste da América Britânica era mais próxima, tanto psicológica como economicamente. Este mesmo autor, contudo, ainda vai mais longe, ao afirmar que este intercâmbio de produtos e uma certa harmonia psíquica só terminaram com o fim da pesca à baleia no século XIX. Um outro aspecto do comércio do Faial tinha a ver com as embarcações que, de Inglaterra se dirigiam às Índias Ocidentais, pois descarregavam na Horta têxteis e produtos manufacturados e aí carregavam vinhos. Nas Índias Ocidentais Inglesas apenas a cerveja, os vinhos e outras bebidas alcoólicas pagavam direitos alfandegários, sendo, assim, a principal fonte de rendimento destas colónias.

Tudo o que acabámos de dizer explica a presença de comerciantes estrangeiros no Faial a partir da segunda metade do século XVII, nomeadamente Ingleses, bem como Franceses e Holandeses². Daí, não ser de estranhar o facto dos Estados Unidos e da França terem representantes consulares na ilha.³

O Congresso nomeou, a 5 de Agosto de 1790, John Street, um inglês nascido na ilha, mas naturalizado norte-americano, seu vice-cônsul no Faial. Foi substituído por John Bass Dabney, o qual chegou à ilha nos finais de 1806, tendo desempenhado estas funções desde 1807 até à sua morte em 1826. Este que, após o seu desaparecimento, foi substituído pelo filho Charles, ocupou o posto numa época particularmente agitada e difícil, tanto para Portugal como para a Europa e até para os Estados Unidos. Basta lembrarmo-nos da invasão do território continental português pelas tropas napoleónicas, da partida da corte para o Brasil, da guerra anglo-americana de 1812-1814, da Revolução de 1820 e da turbulência política que se lhe seguiu. No decurso do conflito entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha houve apresamentos de barcos americanos, por parte da *Royal Navy*, tendo o episódio mais grave ocorrido no porto da Horta, aquando da destruição, em 26 de Setembro de 1814, do navio corsário americano *General Armstrong*, por parte de um esquadrão de três navios ingleses⁴.

Aliás, de acordo com o vice-cônsul John Bass Dabney, espectador privilegiado de toda esta situação, os faialenses queriam poder gozar os benefícios da situação saída da Revolução Liberal de 1820, pois pretendiam separar-se da administração da ilha Terceira, que os sobrecarregava com impostos. No entanto, a 11 de Maio de 1821, chegaram à Horta 2 brigues de guerra, enviados de Lisboa, tendo deste facto resultado a proclamação da Constituição na ilha e a formação de um

² RIBEIRO; Jorge Martins - *O papel dos arquipélagos dos Açores e da Madeira no relacionamento luso-americano nos finais do século XVIII e inícios do século XIX*, pp. 301-302. RIBEIRO, Jorge Manuel Martins - *Comércio e Diplomacia nas relações luso-americanas (1776-1822)*. Dissertação de Doutoramento, policopiada, pp. 924-926.

³ RIBEIRO; Jorge Martins - *O papel dos arquipélagos dos Açores e da Madeira no relacionamento luso-americano nos finais do século XVIII e inícios do século XIX*, pp. 301-302. RIBEIRO, Jorge Manuel Martins - *Comércio e Diplomacia nas relações luso-americanas (1776-1822)*. Dissertação de Doutoramento, policopiada, pp. 924-926.

⁴ RIBEIRO; Jorge Martins - *O papel dos arquipélagos dos Açores e da Madeira no relacionamento luso-americano nos finais do século XVIII e inícios do século XIX*, pp. 303-304.

governo provisório de 7 membros. Além disto, foi enviada à capital uma comissão, a fim de informar o governo do ocorrido. Na vizinha ilha do Pico, o texto constitucional foi adoptado entre 18 e 19 de Maio de 1821⁵.

Tal como os Estados Unidos também a França vai nomear um vice- cônsul para o Faial. Temos conhecimento, que um membro da família Street d'Arriaga foi em 1776 provido nessas funções. Este era sobrinho de José Street d'Arriaga, o qual era também primo de John Street, vice-cônsul dos Estados Unidos. O referido José Street d'Arriaga era um homem influente, com bons contactos na corte de Lisboa e possuidor de uma fortuna considerável. Isto terá inclusive criado certas expectativas no agente consular americano, o qual, devido a estas ligações familiares alimentara a ambição de se candidatar ao lugar de cônsul do seu país na capital portuguesa. Tal, no entanto, não se chegou a verificar⁶.

E, logo na primeira missiva, enviada ao cônsul, informava que o navio *Alliance* de Bordéus, que havia partido a 23 de Fevereiro de 1775 de Port-au-Prince, ilha de S. Domingos, fora obrigado a entrar no porto da Horta a fim de ser reparado, por estar a meter água⁷. Parece que, por volta de 1778, o agente consular, a propósito do perdão concedido pelo rei de França a todos os marinheiros desertores, diz não existir nenhum nessas condições no Faial, não residindo na ilha nenhum Francês⁸. O facto do porto da Horta, no meio do Atlântico, servir para fazer aguada e ser um local de descanso, de substituição de marinheiros e onde estes podiam ter acesso a assistência médica e hospitalar, bem como receber correspondência e abastecerem-se explica a necessidade destas duas potências em terem aí um agente consular. A tudo isto, obviamente, há que somar a sua importância comercial⁹. Tornava-se deveras essencial ter um agente consular em cada uma das ilhas açorianas mais importantes, como, aliás, em outros portos de menor relevo dos continentes europeu e americano. Isto explica-se, dadas as dificuldades e as demoras nas comunicações pelo que era necessário ter localmente alguém capaz de solucionar assuntos ligados a acidentes, naufrágios ou problemas alfandegários, até porque o Faial era um local propício ao

⁵ National Archives and Records Administration. General Records of the Department of State. Central files, Despatches from United States consuls in Fayal, 1795-1897, vol. 1 (March 4, 1795 - November 28, 1832). (National Archives microfilm publication, T203, rolo 1). Despacho do cônsul John Bass Dabney para o Secretário de Estado John Quincy Adams, datado do Faial, 21 e 29 de Maio de 1821; RIBEIRO, Jorge Manuel Martins - *Comércio e Diplomacia nas relações luso-americanas (1776-1822)*, p. 930.

⁶ Ministère des Affaires Étrangères. Centre des Archives diplomatiques de Nantes. *Archives du consulat de France à Lisbonne, série B, A - Agences consulaires, Agences consulaires des Açores : île du Faial (1778-1903)*. Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga para o cônsul da França em Lisboa, François Philippe Brochier, datadas do Faial, 22 de Maio de 1776 e 11 de Dezembro de 1777; RIBEIRO, Jorge Manuel Martins - *Comércio e Diplomacia nas relações luso-americanas (1776-1822)*, pp. 927-928.

A partir de agora Ministère des Affaires Étrangères. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, passa a designar-se pela abreviatura MAE/CADN.

⁷ MAE/CADN. *Archives du consulat de France à Lisbonne, série B, A - Agences consulaires, Agences consulaires des Açores : île du Faial (1778-1903)*. Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga para o cônsul da França em Lisboa, François Philippe Brochier, datada do Faial, 22 de Maio de 1776.

⁸ Idem, *ibidem*, Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga para o cônsul da França em Lisboa, François Philippe Brochier, datada do Faial, 11 de Dezembro de 1777.

⁹ RIBEIRO; Jorge Martins - *O papel dos arquipélagos dos Açores e da Madeira no relacionamento luso-americano nos finais do século XVIII e inícios do século XIX*, pp. 302-303.

contrabando¹⁰. Tudo está bem documentado, numa carta do agente consular Francês, datada de 15 de Novembro de 1778, de acordo com a qual o comandante do bergantim *Nossa Senhora do Livramento* teria obtido, através de pagamentos às autoridades, permissão para zarpar para Lisboa, após ter dado aos oficiais da alfândega um suborno equivalente a 2% do valor da carga. O objectivo final era o de poder transportar trigo, o que não era permitido¹¹.

Por outro lado, no decurso da Guerra da Independência dos Estados Unidos o porto vai ser frequentado por corsários ingleses, que aí vão chegar com presas francesas. Tal é o caso do corsário inglês *La Rateuse* de Liverpool, com prisioneiros gauleses a bordo, tendo João Street d'Arriaga procurado obter a sua libertação e envio para França, junto do cônsul britânico e do capitão da referida embarcação. Tal, contudo, não foi possível, pois este tinha ordens para não se “desfazer” de nenhum prisioneiro Francês. No entanto, o comandante britânico acabou por libertar o capitão e três membros da tripulação, tendo-se um outro lançado ao mar e conseguido chegar a terra¹². Em relação aos prisioneiros a bordo de um outro navio de curso britânico o *Dragon*, o cônsul do Reino Unido no Faial propôs uma troca. Os Franceses seriam soltos, se o agente gaulês conseguisse a liberdade de um número igual de ingleses numa próxima vez que uma embarcação Francesa, com detidos britânicos, fundeasse na Horta¹³.

O problema dos apresamentos corsários e das despesas do vice-cônsul com os prisioneiros franceses, desembarcados na Horta, é uma constante na correspondência mantida entre João Street d'Arriaga e o cônsul Francês em Lisboa, François Philippe Brochier, durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, o último grande conflito franco-britânico, antes das guerras da Revolução e do Império. Esta era, no entanto, uma situação com que o cônsul em Lisboa também se debatia, pois, em Janeiro de 1780, queixava-se de estar submerso pelo afluxo de marinheiros e outros Franceses que os ingleses haviam deixado em Lisboa, não conseguindo repatriá-los em navios neutros¹⁴.

Os cônsules além de ajudarem à repatriação de prisioneiros ou marinheiros que por razões várias se encontravam em dificuldades também emprestavam, por vezes, dinheiro aos capitães de navios. O comandante do brigue *Le Serpent*, Guerpel de Bar, que arribara ao Faial com uma avaria e a quem João Street d'Arriaga emprestara

¹⁰ RIBEIRO, Jorge Martins - *O papel dos arquipélagos dos Açores e da Madeira no relacionamento luso-americano nos finais do século XVIII e inícios do século XIX*, pp. 302-303; RIBEIRO, Jorge Martins - *O corpo consular português no noroeste português no final do século XVIII. Hierarquias e distribuição territorial*. In «Articulations des territoires dans la Péninsule Ibérique»: IVe Journées d'Études Nord du Portugal-Aquitaine (CENPA). Textos reunidos e apresentados por François Guichard. Bordeaux: *Maison des Pays Ibériques*, 2001, col. de la Maison des Pays Ibériques, p. 155.

¹¹ MAE/CADN. *Archives du consulat de France à Lisbonne, série B, A - Agences consulaires, Agences consulaires des Açores : île du Faial (1778-1903)*. Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga para o cônsul da França em Lisboa, François Philippe Brochier, datada do Faial, 15 de Novembro de 1778.

¹² Id., *ibid.* Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga, datada do Faial, 29 de Dezembro de 1778.

¹³ Id., *ibid.* Carta do vice-cônsul João Street d'Arriaga para o cônsul da França em Lisboa, François Philippe Brochier, datada do Faial, 8 de Janeiro de 1779.

¹⁴ LABOURDETTE, Jean-François - *La Nation Française à Lisbonne de 1669 à 1790 entre Colbertisme et Libéralisme*. Paris: Fondation Calouste Gilbenkian/Centre Culturel Portugais, Paris, 1988, p. 210.

6.715\$419 é um exemplo. Este montante foi saldado pelo referido comandante através de uma letra de câmbio sobre o tesoureiro da marinha, St. James, à ordem de *Bonifas Frères et Cie*, de Lisboa¹⁵.

O lugar de vice-cônsul de França no Faial irá posteriormente ser ocupado por um comerciante, natural da ilha, Sérgio Pereira Ribeiro, o qual, em petição dirigida ao Juiz de Fora solicitava a sua nomeação como vice-cônsul da França, dado João Street d'Arriaga estar ausente. Esta solicitação foi aceite por José Filipe Ferreira Cabral, Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega e Juiz de Fora do Faial, em 31 de Outubro de 1784, o qual a propósito escreve que:

*“em atenção ao expendido nesta petição; é porque aliás estou bem persuadido por informações que terei, da aptidão do supplicante Sérgio Pereira Ribeiro para bem, e cabalmente encher com desempenho as funções de vice-cônsul da nação Franceza, por possuir perfeitamente aquella língua, pela grande intelligencia que tem do comercio, e por ser muito capaz de prover de todo o necessário qualquer navio da dita nação.”*¹⁶

E, em 8 de Junho de 1785, escrevia ao então cônsul geral em Lisboa, o cavaleiro Meyronet de Saint Marc, agradecendo-lhe a preferência que lhe demonstrara para ocupar o posto de agente consular de França na Horta, quando João Street d'Arriaga se demitisse¹⁷. Esta, de facto, veio a verificar-se após a renúncia do referido vice-cônsul, tendo em Janeiro de 1788, Sérgio Pereira Ribeiro passado a ocupar o referido posto por nomeação do cônsul geral em Portugal, o cavaleiro de Saint-Didier¹⁸.

Posteriormente, em 1801, o já referido Sérgio Ribeiro será nomeado agente da República Francesa, com a missão também de proteger os interesses da República Italiana, os dos Piemonteses e dos habitantes do Valais, zonas então na posse de Napoleão. Nesta altura, nenhum Francês habitava no Faial, o único que aí residira, natural de Paris, já havia partido para o seu país. Por outro lado, os navios gauleses que aqui aportavam, faziam-no apenas, por necessidade, existindo nesta altura muito pouco comércio com a França¹⁹. Sérgio Ribeiro foi mantido neste posto, por ter

¹⁵ MAE/CADN. *Archives du consulat de France à Lisbonne, série B, A - Agences consulaires, Agences consulaires des Açores : île du Faial (1778-1903)*. Carta de Bonifas Frères et Compagnie para o vice-cônsul João Street d'Arriaga, datada de Lisboa, 7 de Julho de 1783.

¹⁶ Id., *ibid.* Publica forma de José Filipe Ferreira Cabral, Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega e Juiz de Fora do Faial, datada do Faial, 31 de Outubro de 1784.

¹⁷ Id., *ibid.* Carta de Sérgio Pereira Ribeiro para o cônsul geral, cavaleiro Meyronet de Saint Marc, datada do Faial, 8 de Junho de 1785.

¹⁸ Id., *ibid.* Carta de nomeação de Sérgio Pereira Ribeiro pelo cavaleiro de Saint Didier, datada de Lisboa, 12 de Janeiro de 1788.

¹⁹ Id., *ibid.* Ofício de Sérgio Pereira Ribeiro, agente da República Francesa para o Comissário Geral das Relações da República Francesa, em Lisboa, datado do Faial, 30 do Primário do ano 11.

sempre protegido e ajudado todos os cidadãos Franceses, que prisioneiros dos ingleses ou náufragos haviam, desde que começara a exercer funções, aportado às ilhas do Faial, Pico e Flores, conforme é atestado por várias autoridades portuguesas, inclusivé, por João Street d'Arriaga, cônsul dos Estados Unidos da América²⁰. Por outro lado, Sérgio Pereira Ribeiro confessa-se um admirador da França, quando em carta dirigida ao Comissário Geral escreve :

“Je me flatte citoyen commissaire que l'aurais dous votre administration l'avantage de satisfaire le commissariat général comme j'ai tache de le faire depuis près de vingt années, que j'ai l'honneur de servir La Nation Française même pendant la guerre avec le Portugal; et Je n'ai fait en cela que suivre les mouvements de mon cœur pour se peuple qui est l'admiration du monde. Vous pouvez dom Citoyen Commissaire Général compter sur mon parfait dévouement et sur mes sentiments pour votre personne²¹.”

Esta admiração pela França e os seus representantes, levou mesmo Sérgio Pereira Ribeiro a enviar para o cônsul Francês em Lisboa, como presente, três caixas com vinhos e aguardentes faialenses, uma com vinho seco, outra com vinho doce e uma terceira com aguardente, tudo produtos das suas propriedades²².

Refira-se, ainda, que viera viver para o Faial um refugiado de S. Domingos, chamado Binet. Tratava-se de um homem de cerca de 40 anos, que tudo perdera, mas que chegara à ilha com cartas de recomendação do seu primo o general Andreassy. Na Horta, segundo a documentação, por nós consultada, dava lições aos filhos do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro. No entanto, não sabemos se as suas ocupações seriam tão inocentes, pois, em Setembro de 1802, escreve uma carta ao representante Francês em Lisboa, recomendando-lhe, para Agente das Relações Comerciais da República Francesa na ilha das Flores, um certo Caetano Martins, residente nessa ilha. Este, segundo Binet, havia ajudado muitos Franceses, quer fornecendo-lhes vestuário, quer alojando-os na casa da sua própria mãe²³.

Apesar de infelizmente não termos encontrado documentação para o período das invasões francesas, nem da guerra anglo-americana de 1812-1814, sabemos que, apesar das mudanças de regime, tanto em Portugal como na França, Sérgio Pereira

²⁰ Id., *ibid.* Carta de Guillaume Thiers para Sérgio Pereira Ribeiro, agente da República Francesa, datada do Havre, 4 do Prarial do ano 10. Documento de José Teles Machado, governador interino das ilhas do Faial e do Pico, datado da Horta, 31 de Março de 1802; documento de Jorge Brum Terra e Silveira, Juiz Proprietário da Alfândega, datado da Horta, 31 de Março de 1802; Carta do vice-cônsul dos Estados Unidos, João Street d'Arriaga, *s/d.*

²¹ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, agente da República Francesa para o Comissário Geral das Relações da República Francesa, em Lisboa, datado do Faial, 30 de Novembro de 1803.

²² Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, agente da República Francesa para o Comissário Geral das Relações da República Francesa, em Lisboa, datado do Faial, 20 do Nivoso, *s/d.*

²³ Id., *ibid.* Carta de Binet para o agente da República Francesa para o Comissário Geral das Relações da República Francesa, em Lisboa, datado do Faial, 21 de Setembro de 1802; carta do general Andreassy ao capitão geral Leclerc em S. Domingos, datada de Paris, 6 do Floreal do Ano X (25 de Abril de 1802).

Ribeiro, manteve-se nas funções de agente consular francês no Faial. Em 22 de Janeiro de 1816, escrevia ao então cônsul em Lisboa, Lesseps, lembrando que exercera as funções de agente consular no Faial, desde 1784, até à Revolução Francesa, a contento dos governos Português e Francês. Durante o governo de Napoleão tinha mantido a confiança das autoridades portuguesas, as quais lhe haviam mesmo ordenado que ajudasse todos os Franceses, náufragos ou não, que aportassem à ilha. Deste modo, pedia para ser reconduzido nas funções que exercera anteriormente²⁴.

No período da intervenção Francesa em Portugal, Sérgio Pereira Ribeiro teve de entregar, às autoridades portuguesas, todos os documentos em seu poder²⁵. Tal como anteriormente, continuou com a prática de enviar presentes ao cônsul de França em Lisboa. De facto, em 1818, enviou um caixa contendo duas dúzias de garrafas de vinhos licorosos e de um vinho que imitava o da Madeira²⁶. Contudo, em 1817, num ofício enviado ao cônsul Lesseps escrevia que o governador-geral dos Açores não o deixava exercer as funções consulares, sem antes apresentar a patente. Contudo, assegurava ser, de momento, o primeiro *Senador* da Ilha, estando também encarregado da administração da Justiça.

No entanto, o porto da Horta, tornara-se pouco frequentado pelos navios Franceses, desde que a França perdera a ilha de S. Domingos²⁷. De facto, em Março de 1818, o vice-cônsul afirmava que desde 22 de Dezembro do ano anterior, quando o brigue *Africain* aportara à ilha, nenhuma outra embarcação gaulesa fundeara no porto da Horta²⁸. O *Africain* era proveniente do Senegal, dirigindo-se para Oriente. Aportara à ilha para se abastecer, tendo descarregado cera. Perante este panorama, Sérgio Ribeiro lamentava não poder prestar mais serviços a uma nação que sempre apreciara e à qual dera provas inequívocas de estima²⁹.

De acordo com uma lista apresentada pelo agente consular entre Agosto de 1817 e Dezembro de 1818, houve oito entradas de embarcações mercantes francesas no porto da Horta, embora uma delas, a já referida *Africain* aí tivesse aportado duas vezes, uma em Agosto de 1817 e outra em Agosto de 1818. Contudo, apenas duas, o *Petit Auguste*, oriundo do Havre e o *Messenger de La Rochelle*, proveniente do porto de La Rochelle tinham como destino final o Faial, o primeiro transportava aguardentes e mercadorias secas e o segundo desembarcou 20 pipas de aguardente. O *Petit Auguste* regressou ao Havre com 162 pipas de vinho e o *Messenger de La Rochelle* com um carregamento de laranjas. Um outro, *Le Dauphin de Calais* tinha deixado 39 fardos

²⁴ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 22 de Janeiro de 1816.

²⁵ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 5 de Dezembro de 1818.

²⁶ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 5 de Dezembro de 1818.

²⁷ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 20 de Abril de 1817.

²⁸ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 5 de Dezembro de 1818.

²⁹ Id., *ibid.* Ofício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 20 de Abril de 1817.

de algodão, afim de pagar as despesas que fizera durante a sua estada³⁰.

De qualquer modo, as actividades corsárias, nomeadamente as embarcações americanas, que com cartas de corso do patriota uruguaio *General Artigas*, operavam no Atlântico, atacando os navios lusos, eram uma preocupação para o agente consular, tendo os barcos mercantes portugueses de ser acompanhados por vasos de guerra, como era o caso de um veleiro proveniente da Índia, que na altura se encontrava fundeado na Horta, à espera de escolta³¹.

* * *

Conforme acabámos de ver, o comércio do Faial com a América do Norte revelava-se lucrativo, devido à exportação do vinho. O porto da Horta era o local ideal para servir de entreposto a trocas, fazer baldeação, aguada, para o descanso das tripulações e até proceder à substituição de elementos das equipagens. Já para o comércio e navegação franceses não parece ter tido tanto relevo, tendo o seu significado declinado, ainda mais, quando a França perdeu o controle da ilha de S. Domingos. Era, contudo, suficientemente importante para que os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha aí mantivessem agentes consulares e cônsules, os quais além de se ocuparem de assuntos de carácter comercial, cuidavam de todos os que aportavam à ilha, quer como náufragos, quer como prisioneiros, fornecendo-lhes agasalho e cuidando do seu repatriamento.

³⁰ Id., *ibid.* Liste des batiments Français abordés a Faial depuis mon emploi jusqu'au e décembre 1818.

³¹ Id., *ibid.* Offício do vice-cônsul Sérgio Pereira Ribeiro, para Lesseps, cônsul Francês em Lisboa, datado do Faial, 13 de Novembro de 1817.